

Visibilidades e Enunciabilidades do Dispositivo da Educação Ambiental: A Revista *Veja* em Exame

(Visibilities and Enunciabilidades Environmental Education Device: *Veja* Magazine in Question)

BÁRBARA HEES GARRÉ¹ e PAULA CORRÊA HENNING²

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense Campus Pelotas (barbaragarre@gmail.com)

² Universidade Federal do Rio Grande/FURG (paula.c.henning@gmail.com)

Resumo. O artigo tem como proposta central analisar de que modo a revista *Veja* coloca em funcionamento e potencializa um dispositivo de Educação Ambiental no século XXI. Neste texto o recorte se situará em trabalhar com o conceito de dispositivo em Michel Foucault, tecendo algumas aproximações com os estudos de Gilles Deleuze e evidenciando as pistas que possibilitam olhar a EA como um dispositivo. Opera-se com as primeiras dimensões de um dispositivo – o visível e o enunciável – a partir das reportagens de capa da revista *Veja* de 2001 até 2012 que tratam de questões ambientais. A mídia é entendida como um potente artefato cultural, que produz um modo específico de ver e de falar sobre a questão ambiental e desse modo atua na produção de subjetividades, interpelando os sujeitos e constituindo suas formas de olhar, dizer, fazer e pensar em relação às práticas ambientais na atualidade.

Abstract. The central proposal of this paper is to examine how *Veja* magazine installs and enhances an Environmental Education device in the twenty-first century. In this text we focus on working with the concept of device found in Michel Foucault, approaching some Gilles Deleuze studies and evidencing the clues that enable us to see environmental education as a device. We operate with the first dimensions of a device - the visible and the enunciable – based on *Veja* magazine cover stories from 2001 to 2012 dealing with environmental issues. The media is seen as a powerful cultural artifact, which produces a particular way of seeing and talking about environmental issues and thus operates in the production of subjectivities, interpellating subjects and constituting their ways of looking at, saying, doing and thinking about environmental practices nowadays.

Palavras-chave: dispositivo, educação ambiental, mídia, visível, enunciável

Keyword: device, environmental education, media, visible, enunciable

Primeiros Anúncios

O trabalho que aqui apresentamos refere-se a um recorte de tese que tem como proposta central analisar de que modo a revista *Veja* coloca em funcionamento e potencializa um dispositivo de Educação Ambiental no século XXI. Tomamos dispositivo no sentido foucaultiano do conceito (FOUCAULT, 1990), entendendo que existe uma rede discursiva ampla e interligada em torno da EA, que a produz e a coloca em funcionamento. Tal rede relaciona-se tanto a configurações de saber acerca das questões ambientais, quanto coloca em operação relações de poder, e desse modo, atua incisivamente na subjetivação de sujeitos.

Nosso *corpus* de análise é a revista *Veja*, que consideramos como um potente artefato cultural atuante na produção de subjetividades, interpelando os sujeitos e constituindo suas formas de ser, de viver e de fazer uma adequada Educação Ambiental. Entendemos que a revista em questão é uma das possibilidades de operacionalização do

dispositivo da EA, pois, evidentemente, existem outros artefatos culturais, outras instâncias e outras instituições que também atuam na composição desta rede discursiva.

Como recorte empírico, tomamos as capas de *Veja* que tratam das questões ambientais de 2001 a 2012. A partir delas, assumimos como modo de problematização algumas ferramentas da Análise do Discurso de Michel Foucault. É no desejo de investigar como esse artefato cultural coloca em evidência o dispositivo da Educação Ambiental que este artigo foi constituído.

Para este trabalho, organizamos as ideias da seguinte forma: primeiramente apresentamos o conceito de dispositivo em Michel Foucault e tecemos algumas aproximações com os estudos de Gilles Deleuze, evidenciando as pistas que nos possibilitam olhar a EA como dispositivo. Logo em seguida, passamos a operar com as primeiras dimensões de um dispositivo: o visível e o enunciável a partir do material empírico da pesquisa (DELEUZE, 2005b).

Conceituando Dispositivo: mapeando pistas do dispositivo da EA

Neste trabalho, buscamos nos apropriar do conceito foucaultiano de dispositivo (FOUCAULT, 1985, 1990, 2006). Embora Michel Foucault não se preocupe em defini-lo de forma incisiva e fechada, ele nos fornece algumas pistas. O próprio modo como opera com o seu conceito em algumas de suas pesquisas – como é o caso do dispositivo da sexualidade – permite algumas aproximações conceituais. Porém, em uma entrevista concedida no ano de 1977, intitulada “Sobre a história da sexualidade”, Foucault apresenta de modo mais preciso a noção de dispositivo e seu funcionamento.

[...] Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (1990 p. 244).

Debruçamo-nos a pensar no dispositivo como um conceito múltiplo e aberto, que articula diferentes instâncias de saber. Ao agenciar diferentes saberes, relações de força são colocadas em exercício e tensionam os sujeitos a certas práticas, a determinados modos de agir e viver no mundo. Isso porque, um dispositivo engendra conhecimentos, práticas, instituições e leis que, por sua vez, também o colocam em movimento e o fazem funcionar. É, esse movimento estratégico, dos diferentes elementos que o compõem que torna possível a sua existência, isto que um dispositivo

precisa estar em jogo, em relação de força, em luta, sendo acionado e acionando outros dispositivos.

Provocadas a pensar na Educação Ambiental como um dispositivo, a partir do que Foucault nos ensina, entendemos que tal fabricação se dá a partir de diferentes elementos, sejam eles discursivos ou não, tais como: discursos de Organização Não-Governamentais (ONGs) preocupadas com as questões ecológicas; enunciados midiáticos (campanhas publicitárias, propagandas, filmes, histórias em quadrinhos, revistas, jornais, etc.); discursos científicos; bem como discursos propagados a partir da implementação de políticas públicas, e de tantas outras formas. Por onde circulamos o dispositivo da EA se faz presente nos educando e regulando nossas ações. Identificamos a existência de uma espécie de “ortopedia discursiva”¹ em torno da questão ambiental. São cientistas, ecologistas, ambientalistas, biólogos, educadores, políticos, enfim, uma infinidade de especialistas convocados a falar sobre a problemática ambiental e sobre o que deve ser feito para minimizá-la ou contê-la. Existe, em torno do campo ambiental, uma espécie de explosão de discursos, na qual diversos segmentos da sociedade são convidados a participar. Precisamos constantemente ver e falar sobre a problemática ambiental vivida na atualidade. Somos tensionados a todo o momento a participar de algum modo dessa “grande catástrofe ambiental”, que acomete a todos. Desse modo, nossas ações individuais e coletivas vão sendo reguladas, controladas e conduzidas cotidianamente. Um novo sujeito passa a ser produzido a partir desses ditos e jogos de força operacionalizados em diversas instâncias sociais.

Argumentamos que estão em funcionamento no dispositivo da Educação Ambiental os três eixos do pensamento foucaultiano: a constituição de um campo de saber acerca da questão ambiental; a operacionalização de relações de força que fazem alguns ditos entrar na ordem do verdadeiro e outros não; e a produção de um sujeito preocupado com o futuro do Planeta.

Nessa correnteza de pensamento, Giorgio Agamben (2009) defende que o termo dispositivo assume uma abordagem técnica fundamental na obra e no pensamento de Michel Foucault, principalmente a partir da metade dos anos setenta do século XX,

¹ Na obra “História da Sexualidade – a vontade de saber” Foucault ao falar sobre o dispositivo da sexualidade defende o entendimento que em torno do sexo não houve uma interdição e sim uma incitação ao discurso. Cada vez mais os indivíduos foram colocados a falar. Desse modo, diz ele: “(...) a criança não deveria ser apenas um objeto mudo e inconsciente de cuidados decididos exclusivamente entre adultos; impunha-se-lhe um certo discurso razoável, limitado canônico e verdadeiro sobre o sexo - uma espécie de ortopedia discursiva” (1985, p. 35). Nesse sentido, não há interdição discursiva, mas uma ortopedia que nos ensina o que deve e como deve ser dito.

quando o autor se dedica ao estudo do “governo dos homens”. A natureza estratégica do dispositivo tem como característica colocar em operação relações de força que são sustentadas e estão ligadas à produção do saber. Ou seja, no dispositivo opera-se com o eixo do poder e do saber. Nas palavras do próprio autor: “É isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles” (FOUCAULT, 1990, p. 246). E, nessa relação se intervém fortemente na constituição das subjetividades dos sujeitos. Poder, saber e subjetividade estão imbricados nas tramas de um dispositivo.

O termo dispositivo nomeia aquilo em que e por meio do qual se realiza uma pura atividade de governo sem nenhum fundamento no ser. Por isso, os dispositivos devem sempre implicar um processo de subjetivação, isto é, devem produzir o seu sujeito (AGAMBEN, 2009, p. 38).

Dispositivo diz respeito, então, a uma rede discursiva ampla e complexa que contempla diversas instituições, se sustenta em diferentes campos de saber, se normatiza por medidas administrativas, colocando em operação relações de poder e produzindo determinados tipos de sujeitos. Desse modo, diferentes práticas são acionadas e têm como propósito governar, normatizar, ensinar e controlar as condutas, e até mesmo os pensamentos dos indivíduos, capturando-os nas tramas de um dispositivo.

É importante destacar, além disso, que Foucault (1990) se refere à natureza da relação entre os diferentes elementos do dispositivo. Não há uma posição demarcada e definitiva para cada elemento. Eles circulam, mudam de posição, transformando-se, conforme as tramas e tensionamentos do próprio dispositivo, conforme o autor bem explica:

[...] gostaria de demarcar a natureza da relação que pode existir entre estes elementos heterogêneos. Sendo assim, tal discurso, pode aparecer como programa de uma instituição ou, ao contrário, como elemento que permite justificar e mascarar uma prática que permanece muda; pode ainda funcionar como reinterpretação desta prática, dando-lhe acesso a um novo campo de racionalidade. Em suma, entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudança de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes (FOUCAULT, 1990, p. 244).

Assim, tais elementos não têm uma única função. Os diferentes componentes de um dispositivo funcionam de acordo com a relação que travam uns com os outros. Com suas potentes discussões, Deleuze (2005a, 2005b) fala sobre a ferramenta analítica foucaultiana de dispositivo, definindo-a em um de seus textos como um “conjunto multilinear, composto por linhas de natureza diferente” (2005a, p. 83). Problematiza o quanto tais linhas estão constantemente em desequilíbrio, visto que, em alguns momentos elas se aproximam, em outros tomam distância umas das outras. As linhas,

curvas e regimes – trabalhados por Deleuze (2005b) – que constituem o dispositivo, se mostram transitórias e efêmeras. Ao tratar das características de tais linhas e das relações entre elas Deleuze nos provoca a pensar no dispositivo como uma relação de atravessamentos, de justaposição de linhas, de forças, de agenciamentos. O autor destaca, ainda, as três grandes instâncias trabalhadas por Foucault – saber, poder, subjetividade – e o quanto essas se cruzam, se articulam, funcionam em conjunto. Saber, poder e subjetividade constituem as curvas, as linhas, os contornos do dispositivo.

E, no dispositivo, as linhas não delimitam ou envolvem sistemas homogêneos por sua própria conta, como o objecto, o sujeito, a linguagem, etc., mas seguem direcções, traçam processos que estão sempre em desequilíbrio, e que ora se aproximam ora se afastam umas das outras. Qualquer linha pode ser quebrada – está sujeita a *variações de direcção* – e pode ser bifurcada, em forma de forquilha – está submetida a *derivações*. Os objectos visíveis, os enunciados formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos numa determinada posição, são como vectores ou tensores (DELEUZE, 2005b, p.87).

Desse modo, o dispositivo tem a capacidade de constante renovação e recomposição, conforme a articulação entre as linhas que o constituem. Não há como pensar em uma posição fixa e estável nem para os elementos, nem para o sujeito que se produz nas tramas de um dispositivo – no dispositivo o sujeito assume uma posição discursiva –, valendo ressaltar que a qualquer momento essa posição pode ser invertida.

Segundo Deleuze (2005b), as curvas de visibilidade e de enunciação, as linhas de força e de subjetivação bem como as linhas de rupturas são as composições do dispositivo. Essas linhas e curvas possibilitam ao objeto discursivo tornar-se visível e enunciável. No dispositivo, a visibilidade e a enunciabilidade existem por uma combinação.

Retomando as discussões de Michel Foucault, na entrevista de 1977, ele nos fala ainda sobre a gênese do dispositivo. Primeiramente, refere-se à predominância de um objetivo estratégico e, logo após, sobre o preenchimento estratégico do dispositivo. Para o autor, todo dispositivo tem um propósito, que nem sempre é atingido, por isso precisa se readaptar ao que escapou às suas tramas, retomando a própria relação entre os elementos heterogêneos que o compõem. Consequentemente, ele necessita preencher constantemente as brechas, para que seus objetivos tenham sempre sucesso. É o que Foucault (1977) vai chamar de preenchimento estratégico do dispositivo, exemplificando com o que ocorreu no caso do aprisionamento. Segundo o autor, as medidas de detenção aparecem como estratégias eficazes para o controle da

criminalidade. Entretanto, produziu-se algo não previsto e planejado, que foi o desenvolvimento de todo um meio delinquente. A prisão passou a funcionar como espaço de formação e profissionalização para a delinquência. Se num primeiro momento o objetivo do aprisionamento referia-se ao controle e redução da criminalidade e isto não se efetivou, foi necessário um rearranjo do espaço prisional. Desse modo, a prisão foi reorganizada para fazer funcionar outras práticas. Então foi necessário repensar uma forma de funcionamento e utilização do espaço prisional de modo a atender aos propósitos econômicos e políticos a partir de 1830. Nesse sentido, outras operacionalizações ocorreram e, de algum modo, este dispositivo funcionou positivamente, então houve toda uma reutilização e readequação de estratégias para preencher os contornos do dispositivo prisional, tornando-o produtivo para a organização da prostituição, por exemplo (FOUCAULT, 1990, sobre criminalidade).

Nessa perspectiva, pode-se pensar nos próprios movimentos de resistência, naquilo que escapa e resiste ao dispositivo. A própria resistência seria a condição de possibilidade para o preenchimento estratégico do dispositivo. Quando há ruptura, escape, fuga, o dispositivo precisa se reconstituir para capturar novamente o que escapou. Ou, ainda, precisa pensar em outros modos de utilização para as estratégias que não funcionaram de acordo com os objetivos previstos.

Segundo Deleuze (2005b) o dispositivo tem caráter de atualização constante. Dessa maneira, o dispositivo não tem uma configuração única e definitiva. O que o caracteriza é a possibilidade de estar continuamente se modificando, se recompondo e rearticulando os diferentes elementos que o constituem.

Todo dispositivo se define assim por seu teor de novidade e criatividade, que marca ao mesmo tempo sua capacidade de se transformar, ou de se cindir em proveito de um dispositivo futuro, ou ao contrário, de fortificar-se sobre suas linhas mais duras, mais rígidas ou sólidas (DELEUZE, 1999, p. 159).

Considerando a perspectiva de atualização constante de um dispositivo, é necessário que se problematize o quão engendrados estamos nas teias dos dispositivos que nos são contemporâneos. Isso porque, os dispositivos determinam, moldam e direcionam nossas formas de estar e de ser no mundo, conforme o momento histórico, político, social, econômico, cultural e ambiental em que vivemos. É, ainda, Deleuze que nos diz: “Nós pertencemos a dispositivos e agimos neles. A novidade de um dispositivo em relação aos precedentes pode ser chamada de sua atualidade, nossa atualidade” (1999, p. 159). E, quanto ao dispositivo da EA, de que modo estamos vivendo a atualidade desse dispositivo?

A Fabricação de um Dispositivo: Educação Ambiental na produção do sujeito

Compreendemos que o dispositivo da Educação Ambiental, enunciado nas reportagens de capa da revista *Veja*, ganha força e visibilidade no século XXI. Basta olharmos as preocupações econômicas, sociais, políticas, culturais e ambientais voltadas para a crise do meio ambiente que se tornam pauta importante em diferentes instâncias da sociedade. Um exemplo de tal força e importância são os grandes encontros mundiais que têm como foco a questão da Crise Ambiental, tais como a recente RIO+20, que ocorreu no Rio de Janeiro, em 2012 e a COP 20, em novembro de 2014, em Lima, Peru. Em torno da fabricação do dispositivo da EA há uma produção de saberes que colocam em funcionamento relações de força, subjetivando os sujeitos a certas práticas ambientalmente “necessárias” e “corretas”. Assim, um determinado modo de ser “sujeito” é produzido no dispositivo da EA – o cidadão educado ambientalmente.

Assumindo os ensinamentos de Michel Foucault (1985, 1990 e 2006), entendemos o dispositivo da Educação Ambiental como uma rede mais ampla que engloba diferentes enunciados e discursos, a qual é sustentada e fortalecida por outros dispositivos. Na pesquisa em questão, um dos discursos que constitui o dispositivo da EA é o de Crise Ambiental (CA), que é apoiado pelo discurso da Ciência. O discurso de CA, por sua vez, é instaurado/ construído por diferentes enunciados, tais como o do Antropocentrismo² e o do Catastrófico do Planeta Terra³. Além disso, o dispositivo da EA ganha força e sustentação ao cruzar-se com o dispositivo pedagógico da mídia (FISCHER, 2002) e com o dispositivo da sustentabilidade (SAMPAIO, 2012). Ou seja, há uma trama discursiva na qual estes diferentes elementos estão sendo constantemente articulados, colocando-os em funcionamento e os acionando constantemente. Vejamos mais claramente estas articulações.

A análise que as autoras já vêm apresentando, possibilitou mapear alguns elementos do dispositivo da Educação Ambiental. Tais elementos foram mudando de

² Por enunciado do Antropocentrismo tomamos os ditos midiáticos que narram o domínio do homem sobre o “mundo natural” e do quanto ele é culpado pela ligeira degradação da natureza. Entendemos que a revista *Veja*, através de seus ditos, demarca uma determinada forma de relação homem *versus* natureza, através da qual o homem vai organizando, conhecendo e modificando o mundo natural em função de suas necessidades e de seu modo de vida.

³ Trabalhamos com o medo como uma ferramenta que tem sido potente para dar sentido ao enunciado Catastrófico do Planeta Terra. Tal ferramenta é muito utilizada como forma de persuasão nas reportagens de *Veja*. Os sujeitos são norteados a aderir a certo modo de vida a partir de enunciações catastróficas e terroristas, frente à possibilidade de fim da vida no Planeta. Assim, o consumo consciente ou consumo sustentável tem se constituído como um modo de vida na atualidade líquida moderna, em que os sujeitos vivenciam a experiência do medo cotidianamente.

posição, se rearticulando, dando novos contornos ao dispositivo e permitindo olhar uma composição discursiva para EA na revista *Veja*. Tais mudanças e inversões ocorrem de acordo com as regras das formações discursivas de dado momento histórico. Os ditos da revista nos permitem dizer que há um potente discurso que se constitui como um dos elementos do dispositivo da EA, que é o discurso de Crise Ambiental (CA). Nas análises realizadas, é possível encontrar uma determinada forma de narrar a CA, na qual essa vai sendo igualmente produzida. O discurso de CA se constroi a partir de diferentes enunciados. Nas reportagens de *Veja* as enunciações remetem, com freqüência, ao enunciado do Antropocentrismo: e nele, ora o homem é posicionado como o culpado pela catástrofe planetária, ora ele é aquele que pode fazer algo para salvar a Terra. Outro enunciado importante do discurso de CA é o enunciado Catastrófico do Planeta Terra. Em relação a tal enunciado problematizamos o quanto é característica ao campo da Educação Ambiental a invocação ao catastrofismo. No entanto, no século XXI, o catastrofismo é retomado e atualizado pela revista *Veja*. Destacamos o quanto tais enunciações se arranjam, se sustentam, umas nas outras. Pois quando nos é dito de modo catastrófico e terrorista que estamos prestes a perder o Planeta, tal dito está emaranhado tanto à culpabilização do homem quanto à sua responsabilidade em reverter tal situação. Desse modo, se produz um discurso de CA que nos faz acreditar que é necessário agir para Salvar o Planeta! E assim, nossas vidas vão sendo conduzidas e governadas. O discurso de CA, por sua vez tal discurso tem sido respaldado e legitimado em outro discurso que é o da Ciência. No material empírico, a voz da ciência recorrentemente é chamada para dar sustentação e legitimidade ao que é dito. Diferentes cientistas são convidados a falar sobre o problema ambiental vivido neste século. E este é apoiado por uma importante ferramenta constantemente trabalhada – a estatística. E é dessa forma que os números também auxiliam a produzir um discurso de CA. Na revista *Veja*, o dispositivo da EA se fabrica a partir da articulação desses diferentes enunciados, ferramentas e discursos, tendo como alvo a produção da subjetividade de determinado sujeito, o sujeito consciente ecologicamente.

A sustentação de enunciados e discursos atua/opera na fabricação do dispositivo. E a rede discursiva em que se produz o dispositivo de EA pode ser articulada a outros dispositivos contemporâneos, como citado acima. Quanto ao dispositivo da mídia, estudado exaustivamente por Rosa Fischer (1996, 1997, 2001, 2002), entendemos atuar esse como uma estratégia de subjetivação dos sujeitos e em

nossa sociedade o que a mídia diz se torna verdade (GOMES, 2003). Assim, a mídia ensina e constitui determinados campos de saber, legitimando verdades. E, no momento em que produz e coloca a circular tais verdades, faz funcionar relações de poder e de força, num jogo persuasivo e convidativo. Dessa maneira, vai ensinando formas de agir e se comportar, subjetivando as ações dos sujeitos, aqui, em especial, encaminhando para ações voltadas à preservação do meio ambiente e da espécie humana. Proceder a análise de tais materiais implica problematizar tais verdades e a forma pela qual elas reverberam na atualidade.

Assim, considerando a perspectiva teórica adotada, tratar do “dispositivo pedagógico da mídia” significa tratar de um processo concreto de comunicação (de produção, veiculação e recepção de produtos midiáticos) em que a análise contempla não só questões de linguagem, de estratégias de construção de produtos culturais (no caso aqui referido, de programas televisivos), apoiada em teorias mais diretamente dirigidas à compreensão dos processos de comunicação e informação, mas, sobretudo questões que se relacionam ao poder e a formas de subjetivação (FISCHER, 2002, p.155) [grifo da autora].

O dispositivo pedagógico da mídia reafirma constantemente verdades – aqui nos referimos a verdades do campo da Educação Ambiental – que, pela repetição e propagação reforçam ditos e posicionam sujeitos impelindo-os a agirem de determinadas formas, que incluem economizar recursos naturais, reciclar lixo, consumir de forma sustentável, por exemplo.

Segundo Marcello (2003, p. 93):

Ao sistematizar as curvas de visibilidade e os regimes de enunciação em torno de relações agonísticas entre as linhas de forças, **a mídia produz de alguma forma o que deve ser visto e como deve ser falado** (e vice-versa), mesmo que, para tanto, ela se utilize de enunciados históricos e, portanto, já existentes. É justamente a característica de sua materialidade que não apenas permite, **mas exige ao discurso condição de se tornar repetível**. Tal afirmação não significa obviamente, que dado discurso, ou melhor, dado enunciado, seja exatamente o mesmo, independente do período histórico em que for articulado [grifos nossos].

Nas estratégias discursivas operacionalizadas pela mídia são produzidos discursos “de verdade”, que moldam a forma dos sujeitos olharem e constituírem o mundo que nos cerca. E tal estratégia está em funcionamento nos ditos midiáticos acerca da própria questão ambiental. A todo o momento somos colocados em relação com nossos modos de ver e entender o ambiente, a cultura, a natureza. Os ditos midiáticos vão nos ensinando as formas corretas de fazer tais leituras e condicionam nosso olhar para ver o que “deve ser visto” e fazer o que “deve ser feito”. Não somos obrigados. Somos, isto sim, persuadidos, colocados num jogo tensionado com as verdades ditas e repetidas constantemente no espaço midiático e, muitas vezes as

tomamos como as corretas. Para o bem ou para o mal, o dispositivo da mídia tem sido uma forte estratégia de condução das condutas dos indivíduos na atualidade. Como veremos logo abaixo, os temas relativos à sustentabilidade, assim como as questões relacionadas ao campo da EA, também têm sido abordadas recorrentemente na mídia brasileira.

Na contemporaneidade a sustentabilidade tornou-se moeda forte. Em sua tese “Uma floresta tocada apenas por homens puros... Ou do que aprendemos com os discursos contemporâneos sobre a Amazônia”, Shaula Maíra Vicentini de Sampaio (2012) desenvolve o conceito de dispositivo da sustentabilidade. A autora apresenta o conceito de dispositivo a partir de estudos de Michel Foucault e Gilles Deleuze. Trabalha com a ideia de uma pedagogia exercida pelo dispositivo, especialmente o dispositivo da sustentabilidade. Mostra de que forma esse dispositivo atende a uma urgência histórica, a urgência de uma sociedade sustentável. Dessa forma, a sustentabilidade vem se constituindo como um assunto emergente na atualidade e sua história é bem recente, pois tais discussões surgiram em consonância com as críticas ao desenvolvimento econômico. Assim, as discussões sobre sustentabilidade têm se aliado à concepção de desenvolvimento econômico sustentável. Não é por acaso que a sustentabilidade está atrelada ao consumo consciente em diferentes campanhas midiáticas. Para muitos autores, a sustentabilidade se constitui como estratégia de marketing. A editora da revista em análise tem uma campanha voltada para um mundo mais sustentável e em suas edições trás páginas que direcionam nessa perspectiva. Tal mídia vai reafirmando diariamente a necessidade dos sujeitos adotarem um ritmo de vida mais sustentável e consciente.

Essa pedagogia exercida pelo dispositivo da sustentabilidade se processa nas instâncias múltiplas atravessadas pelo dispositivo, ultrapassando as fronteiras das instituições escolares e mesmo das ações de educação ambiental. Aprendemos a ser “verdes” nos mais diversos âmbitos, mas convém realçar o incisivo papel da mídia neste processo (SAMPAIO, 2012, p. 105) [grifos da autora].

Como bem pontua a autora (ibid), a mídia tem um papel fundamental no funcionamento desse dispositivo: ela o aciona e o reforça cotidianamente. Os sujeitos são subjetivados nas tramas do dispositivo da sustentabilidade e, desse modo, vão se constituindo e construindo seus saberes e entendimentos sobre o meio ambiente, a cultura e a natureza. Os ensinamentos operacionalizados por tal dispositivo vão capturando os sujeitos de diferentes modos: o que importa é que o sujeito se conecte a ele. Nesse sentido, é preciso ver e dizer constantemente sobre o dispositivo, seja no

cinema, na revista, na propaganda, no produto que está na prateleira do supermercado, de alguma forma os sujeitos precisam ser capturados e persuadidos pelo dispositivo da sustentabilidade, como trabalha Sampaio (2012).

Assim, tais dispositivos – o dispositivo pedagógico da mídia e o dispositivo da sustentabilidade – vão produzindo nossa vida cotidiana e definindo quais são as atitudes “ecologicamente corretas”. De acordo com Marcello (2003), a existência de um dispositivo está relacionada à sua articulação com outros dispositivos de seu tempo. Percebo que o dispositivo pedagógico da mídia e o dispositivo da sustentabilidade dão força e sustentação ao dispositivo da Educação Ambiental. Tais dispositivos funcionam em conjunto, se articulam e se conectam. O dispositivo da mídia se encarrega da produção e penetração de verdades tanto sobre o ambiental quanto sobre a sustentabilidade. Ao fazer circular tais ditos e colocá-los no lugar do verdadeiro atua incisivamente na subjetivação dos sujeitos. Por sua vez, o dispositivo da EA se atrela fortemente ao dispositivo da sustentabilidade, principalmente quando subjetiva os sujeitos ensinando-os a determinadas práticas, a determinadas atitudes necessárias na atualidade. Tais atitudes geralmente estão relacionadas ao dispositivo da sustentabilidade, pois é necessário que os sujeitos consumam determinados produtos, adquiram determinados hábitos, preocupem-se com ações sustentáveis para viver no Planeta, etc. Como se pode perceber, estes dispositivos parecem funcionar em rede, um vai ajudando a moldar, a fabricar o outro. Não há como pensá-los de forma desarticulada, eles estão interligados.

Nessa correnteza de pensamento entendo que o dispositivo da EA estabelece uma rede de relações entre a cultura, a sociedade, a política e a economia, participando e intervindo ativamente dessas instâncias. Desse modo, aproximo o dispositivo da EA da problematização realizada por Foucault no primeiro capítulo de sua obra “História da Sexualidade – o uso dos prazeres”, quando fala sobre o caminho de suas pesquisas e trata o modo como operou com o termo “sexualidade”.

O uso da palavra foi estabelecido em relação a outros fenômenos: o desenvolvimento de campos de conhecimentos diversos; a instauração de um conjunto de regras e de normas, em parte tradicionais e em parte novas, e que se apoiam em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas; como também as mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos. [...] O projeto era, portanto, o de uma história da sexualidade enquanto experiência, se entendemos por experiência a correlação, em uma cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade (FOUCAULT, 2006, p.9).

Considerando a provocação de Foucault, entendo que o dispositivo da EA se conecta a outros campos de saber, estabelece relações com o contexto social de modo mais amplo, está relacionado ao nosso modo de vida nos dias de hoje. Não há como pensar um dispositivo da EA sem problematizar os modos como vamos nos constituindo sujeitos e olhando para as questões que nos são colocadas pelas reportagens de capa de revista *Veja*. Mais uma vez retomamos a pergunta potente de Nietzsche (2002): Como nos tornamos aquilo que somos? Tais questões estão imbricadas em um contexto exterior a discursividade da revista em questão. Nesse sentido é necessário olhar alguns pontos dessa exterioridade. Passemos as problematizações da próxima seção.

Mapeando as Curvas de Visibilidade e as Curvas de Enunciação que compõem o dispositivo da Educação Ambiental na revista *Veja*

Nessa seção, temos como propósito trabalhar com as curvas de visibilidade e com as curvas de enunciação que compõem o dispositivo da Educação Ambiental na revista *Veja*. Pretendemos aqui dar conta de evidenciar que a relação entre o visível e o enunciável engendrada no material empírico da tese em questão é da ordem da articulação e da combinação, pois, de acordo com Marcello, “Tais unidades (visível e enunciável) só podem ter existência a partir de uma combinação meticulosa entre palavras, frases e proposições; a partir de um entrecruzar específico que, então, lhe confere condição de existência” (2003 p. 81). Assim, a condição de existência do próprio dispositivo da EA está atrelada aos contornos, as curvas, as visibilidades e enunciabilidades⁴ referentes ao próprio dispositivo, pois, tais curvas, regimes e linhas é que produzem o modo pelo qual olhamos e falamos acerca do dispositivo.

Segundo Deleuze (2005b), as curvas de visibilidade e de enunciação são as primeiras dimensões de um dispositivo. Tais curvas se atrelam fortemente à tarefa de nomear, de narrar, de dizer a verdade. Tais curvas constituem a verdade ou as verdades sobre a Educação Ambiental, sendo importante ressaltar que aqui tomamos a verdade no sentido foucaultiano, como uma invenção, uma fabricação. E, nesse sentido, a verdade da EA se fabrica nas curvas de enunciação e de visibilidade que colocam alguns ditos na

⁴ O termo *enunciabilidade* é utilizado por Fabiana Marcello (2003) em sua dissertação de Mestrado intitulada “O Dispositivo da Maternidade: mídia e produção agonística da experiência” na qual a autora registra a opção por tal termo por entender que ele é que possibilita a condição de existência das enunciações. Assim, escolhe trabalhar com regimes de enunciabilidade ao invés de regimes ou curvas de enunciação.

ordem do verdadeiro. Visibilidade e enunciação são potentes máquinas que nos ensinam um modo de narrar e de olhar para esse dispositivo.

As curvas de visibilidade são compostas por linhas de luz e tais linhas funcionam como “formas de luminosidade criadas pela própria luz, que deixam as coisas e os objetos subsistirem apenas como relâmpagos, reverberações, cintilações” (DELEUZE, 2005a, p. 62) que tornam possível o aparecimento ou não de determinado dispositivo. Estas linhas de luz não são, portanto, sinônimo de “iluminar” um objeto existente a priori. As linhas de luz que compõem as curvas de visibilidade estão atreladas às relações de força e de saber que constituem o objeto em questão. Desse modo, o objeto é também uma fabricação, pois, para produzirem seu regime de luz específico, os dispositivos são positivados pelos eixos do saber e do poder. Um dispositivo tem sua visibilidade em função desse jogo de forças operacionalizado, que, de certa forma o constitui, o produz e o legitima num determinado limiar histórico.

As curvas de visibilidade são irreduzíveis ao regime do enunciado. Entretanto, visível e enunciável funcionam numa relação de sustentação e suporte. Sua combinação define e constitui o eixo do saber. Para Larrosa, “O discurso, que tem seu próprio modo de existência, sua própria lógica, suas próprias regras, suas próprias determinações, faz ver, encaixa com o visível e o solidifica ou o dilui, concentra-o ou dispersa-o.” (2002, p.66). Desse modo, é possível entender que é a partir da composição de uma formação discursiva que se produz um modo específico de ver e de fazer ver. Assim como, se produz também uma determinada maneira de dizer. Nesse sentido, ver e dizer estão atrelados na constituição de uma dada formação discursiva o que torna possível falar e olhar o objeto discursivo de acordo com as próprias regras de formação que o produzem.

O que se pode concluir é que cada formação histórica vê e faz ver tudo o que pode, em função de suas condições de visibilidade, assim como diz tudo o que pode em função de suas condições de enunciado. Nunca existe segredo, embora nada seja imediatamente visível, nem diretamente legível. E, de um lado e de outro, as condições não se reúnem na interioridade de uma consciência ou de um sujeito, assim como não compõe um Mesmo: são duas formas de exterioridade nas quais se dispersam, se disseminam, aqui os enunciados, lá as visibilidades. (DELEUZE, 2005a, p. 68).

Nesse viés, as curvas de enunciação se constituem pelos dizeres que entram na ordem dos discursos aceitos em dada época. Assim, aquilo que se diz só é possível de dizer e fazer dizer porque atende às regras e aos limites discursivos considerados válidos e verdadeiros. Esses dizeres não estão interditados e proibidos, mas são

considerados necessários e produtivos. Desse modo, precisam ser constantemente repetidos e atualizados.

Segundo Deleuze (2005a, p. 85) “Se há uma historicidade dos dispositivos, ela é a dos regimes de luz – mas é também a dos regimes de enunciado.” Dessa forma, as curvas de enunciação produzem uma determinada maneira de enunciar sobre o objeto em questão. O que se torna possível e justificável falar em relação a determinado campo como o científico, por exemplo, ou no caso do dispositivo da sustentabilidade (SAMPAIO, 2012), é porque está atendendo ao regime do enunciado.

O enunciado não está dado, assim como não se encontra escondido. É necessário um trabalho minucioso, debruçando-se sobre o material empírico no sentido de “rachar, abrir as palavras, as frases e as preposições, para extrair delas os enunciados.” (DELEUZE, 2005a, p. 61). O enunciado precisa ser extraído, revirado, esmiuçado. É necessário entender as condições em que ele se constrói e as regras e regimes que tornam possível a sua construção e não de outro em seu lugar. O enunciado se forma a partir de certas regras, de condições de possibilidade que o produzem e o legitimam. Nessa linha de pensamento, o sujeito seria uma das variáveis do enunciado, que depende das suas condições de funcionamento. Larrosa defende que:

O discurso, nessa perspectiva, não remete a nenhum sujeito, a nenhum eu pessoal ou coletivo que o tornaria possível. O que ocorre, antes, é que para cada enunciado existem posicionamentos de sujeito. O sujeito é uma variável do enunciado. E são esses posicionamentos, essas posições discursivas, as que literalmente constroem o sujeito, na mesma operação em que lhe atribuem um lugar discursivo. (2002, p. 66).

A partir de tal escopo teórico é que nesse trabalho buscamos esmiuçar o material empírico com o intuito de rachá-lo, abri-lo, revirá-lo, extraindo os enunciados que compõem o dispositivo da EA. Nessa árdua tarefa, um certo tipo de sujeito foi se produzindo e se tornando enunciável e visível no material empírico em questão. Mapeamos de que modo a questão ambiental vem sendo narrada e de que forma os sujeitos são acionados e constituídos na trama discursiva que se articula em torno da problemática ambiental que acomete o século XXI. Na Tese em questão, trabalhamos com o enunciado catastrófico do Planeta Terra e com o discurso de Crise Ambiental tomando a ambos como produzidos e fortemente divulgados na revista *Veja*. Tal produção discursiva opera com ditos que instauram o que vimos chamando de uma política da periculosidade, ou seja, cada dez mais vamos aprendendo a constituir nossas formas de vida a partir do medo que constantemente circula nas sociedades atuais. Pensar o ambiental nesta sociedade refere-se também a pensar em uma política do

medo, medo pela perda de nosso Planeta, medo pela fúria da natureza, medo do desastre, do furacão, do terremoto, medo do que não conhecemos muito bem e que pode nos surpreender. Os artefatos midiáticos e aqui especialmente a revista *Veja*, operam incisivamente com tal política, através de estratégias discursivas que ensinam os sujeitos a agirem de maneira “consciente”, em prol da vida e do meio ambiente.

Recorrentemente há uma repetição e atualização de tais ditos que convocam os sujeitos a participarem de uma “onda verde” – ou seja, todos a favor da sustentabilidade do Planeta e dessa maneira buscando adotar práticas consideradas mais sustentáveis e ecológicas. Desse modo, os artefatos midiáticos instauram o visível e o enunciável, seja por imagens emblemáticas, seja por afirmações que propagam a eminência de um desastre ecológico que colocará em risco a vida do Planeta e comprometerá o futuro das espécies. E, esses ditos, ao circularem e se reverberarem vão nos convidando a participar desta rede discursiva, vamos sendo convidados a ver e a falar sobre a problemática ambiental. Mas seria possível ficarmos indiferentes ao quadro calamitoso que se propaga? Quem se arriscaria a posicionar-se de modo desfavorável a tal política? E, nessa polêmica, as reportagens da revista *Veja* constituem-se como verdadeiras máquinas de ver e de falar sobre a questão ambiental na atualidade. E é isso que se busca indicar a partir das capas de *Veja* reproduzidas abaixo:



Figura 1: SALVAR a Terra.

Fonte: *Veja*. São Paulo. Ed. Abril. ed. 2031, 24 de outubro de 2007.



Figura 2: ESTAMOS devorando o planeta.

Fonte: *Veja*. São Paulo. Ed. Abril. ed. 2143, 16 de dezembro de 2009.

Ver e dizer. Olhar e falar. Enxergar e ler. Visibilidades e enunciabilidades que vão se combinando no dispositivo da EA potencializado e operacionalizado nas capas em destaque acima. A questão ambiental enunciada e visibilizada em tais chamadas de capa são emblemáticas para pensar na noção de sujeito que vai sendo produzida nessas reportagens. Aqui o indivíduo é acionado por um dispositivo que o captura de modo veemente. O homem tem um lugar nesses ditos, pois pode, com atitudes sustentáveis, “Salvar a Terra” que ele próprio está “devorando”! E, então, faz-se necessário perguntar: O que as visibilidades em destaque acima vão nos ensinando nas tramas desse dispositivo? Importante dizer que se as visibilidades nos ensinam algo, é porque há um enunciado que está funcionando em combinação. A visibilidade tem uma funcionalidade específica, que é a do regime de luz. Assim como a enunciabilidade tem suas regras próprias de formação. Entretanto, visibilidade e enunciabilidade incidem uma sobre a outra, não se reduzindo uma a outra. Larrosa coloca que:

[...] máquinas enunciativas que produzem, ao mesmo tempo, significantes e significados. Incluem máquinas de ver e práticas discursivas. Práticas de ver e práticas de dizer. Mas tanto as máquinas óticas quanto as discursivas estão imbricadas em formações não óticas e não discursivas. Um dispositivo implica visibilidades e enunciados. E, inversamente, as formas de ver e de dizer remetem aos dispositivos nos quais emergem e se realizam (2002, p. 67).

Retomando a pergunta o que o visível nos ensina nas tramas do dispositivo fabricado nas capas de *Veja* em destaque acima? Em tempos de sustentabilidade, de uso de tecnologias limpas, no qual é necessário e urgente pensarmos sobre as questões ambientais e planetárias, algumas leituras são possíveis nas imagens acima. Por exemplo, os sujeitos vão sendo posicionados a adotar um estilo de vida de acordo com as necessidades ambientais contemporâneas. Para isto requer que utilize roupas de

tecidos mais simples, carregue a água em cantil, ande de bicicleta, leve os produtos em local não descartável, consuma alimentos mais naturais e tantas outras atitudes possíveis. Desse modo, um “novo” sujeito que atenda às exigências desse novo tempo vai sendo constituído nos ditos da revista e de algum modo nossas subjetividades vão sendo dessa maneira fabricadas. Somos ensinados a assumir práticas também mais adequadas ao estilo de vida sustentável. Dessa forma, os ensinamentos ambientais nos constituem enquanto sujeitos que precisam se adequar às exigências ambientais da atualidade.

Adotar um “novo” modo de vida parece urgente e imprescindível na chamada da segunda capa (Figura 2), pois nos remete ao quanto estamos consumindo num ritmo acelerado os recursos disponíveis no Planeta. Chamamos a atenção para o fato de a imagem do Planeta aparecer nas duas capas. Na primeira (Figura 1), sendo carregada por uma criança em formato de balão, como uma espécie de “bandeira”, algo que precisa ser visto, lembrado, pensado e defendido por todos! Na segunda capa o Planeta está cravado em um garfo, prestes a ser engolido por uma pessoa. Que relações estão destacadas nessa figura? Elas são metáforas acerca do modo como estamos nos comportando em relação ao Planeta? De que modo está sugerido que devemos nos comportar? Talvez tais imagens isoladas não dessem a ver estes entendimentos, no entanto, é porque elas estão inseridas em um determinado contexto, em uma determinada época e colada a outros dizeres, que se torna possível extrair estas análises.

No conjunto de imagens de capa em destaque abaixo evidenciamos novamente o quanto a questão da imagem do Planeta é acionada pela revista *Veja* e se soma as discussões já suscitadas acima.



Figura 3: O PLANETA pede Socorro.

Fonte: *Veja*. São Paulo. Ed. Abril ed. 1765, 21 de agosto de 2002.



Figura 4: A TERRA no Limite.

Fonte: *Veja*. São Paulo. Ed. Abril, ed. 1926, 12 de outubro de 2005.

A imagem presente na figura 3 mostra o Planeta pedindo socorro e emitindo um sinal de fumaça de alerta. Na sequência, a figura 4, apresenta uma metade do Planeta prestes a ser espremida como a metade de uma laranja. Este seria um sinal de que o Planeta está em risco? Qual a potência da imagem do Planeta atrelada ao dispositivo da EA?

Entendemos que a utilização da imagem do Planeta nas chamadas de reportagem de *Veja* assim como em muitos artefatos midiáticos tem se utilizado de algumas “bandeiras”. Considerando que a utilização de tais imagens na revista passa a ser veiculada a partir do ano de 2001, talvez seja pertinente pensar que uma das condições de possibilidade para isso seja a assinatura do Protocolo de Quioto, em 1997, que foi validado em 15 de março de 1999, por mais de 55 países que juntos produzem 55% das emissões de gases do efeito estufa. O protocolo previu que os países industrializados cortassem 5,2% de suas emissões de gases de efeito estufa entre os anos de 2008 e 2012, em relação aos níveis do ano de 1990. As campanhas em torno dos créditos de carbono versam, na sua grande maioria, sobre a imagem do Planeta, tal como sucede com tantas outras campanhas atreladas ao aquecimento global. É sempre do Planeta que se trata, o Planeta sendo queimado, o Planeta emitindo sinal de socorro, o Planeta sendo carregado por várias pessoas, o Planeta nas mãos de alguém.... Enfim, a utilização de tais imagens e estratégias discursivas parece denunciar a responsabilidade coletiva. De acordo com Guimarães:

Se temas como “aquecimento global”, “poluição”, “escassez de recursos naturais”, “extinção da biodiversidade” continuam em pauta nas sociedades promovendo uma ideia de risco iminente da própria vida (humana e não-humana) *no* e *do* planeta; as notícias midiáticas sobre sustentabilidade (quando tratam de negócios e economia) promovem um efeito contrário, quase um antídoto, um contrapeso, um alívio quem sabe. A sensação de risco se “amortece” na produção de um “novo” *valor* que apenas está começando a ser construído e disseminado pelas sociedades. Trata-se do *valor econômico*

de ser “verde” (facilmente mensurável, consumível, controlável), que *exige* um sujeito responsável pelo planeta e, portanto, consumidor de produtos (e, principalmente, de mundos), certificadamente, “verdes”. Um *novo* mundo de negócios parece se abrir, um *novo* humano se produzir (2012, p. 25) [grifos do autor].

Participar dessa correnteza em prol do “verde”, como bem pontuou Guimarães, parece ser um novo modo de viver que tem se produzido nos dias de hoje como uma maneira de minimizar o risco e a catástrofe ambiental, questões /situações tão propagados e disseminados em nossas sociedades. Entendemos que as estratégias discursivas operadas pela mídia e, especificamente, pela revista *Veja*, tem o caráter de preenchimento estratégico do dispositivo, tal como atentou Foucault (1990) ao focalizar outras questões. O dispositivo da EA precisa preencher todas as suas linhas, recompor e rearticular seus elementos. Ele necessita cercar os sujeitos de todas as formas possíveis, minimizando a possibilidade de escape, de fuga. Por esse motivo o dispositivo não é fixo, ele se modifica, se reconfigura, se atualiza, está constantemente se reajustando. Como destaca Foucault: “(...) cada efeito, positivo ou negativo, desejado ou não, estabelece uma relação de ressonância ou de contradição com os outros, e exige uma rearticulação, um reajustamento dos elementos heterogêneos que surgem dispersamente” (1990, p. 45).

Nesse sentido, compreendemos que as reportagens, em destaque, enredam os sujeitos nas tramas de um dispositivo que opera na constituição de subjetividades de um marketing “verde” ou de um marketing “sustentável”. Os sujeitos são fabricados por esse dispositivo e esse constitui seus modos de ver, de falar e de pensar sobre a questão ambiental a partir de uma trama de diferentes discursos que se engendram, sejam eles legais, midiáticos, políticos, educacionais, científicos, ecológicos ou econômicos.

Seguindo a correnteza das visibilidades das capas ilustradas acima, destacamos abaixo mais algumas enunciações que tratam da questão do aquecimento global e da emissão de dióxido de carbono divulgadas na revista *Veja* e que auxiliam na fabricação do modo de falar sobre o dispositivo.

Diante da imposição de **combater o aquecimento global**, as ações individuais nessa direção se tornam uma mania. **Todo mundo quer fazer sua parte para salvar o planeta, ou pelo menos manter a consciência limpa de que não está ajudando a piorar a situação.** Para isso tanto vale **usar roupas de algodão orgânico** quanto **comprar apenas produtos que tenham sido produzidos em regiões próximas** – dessa forma, **não se precisou esfumaçar mais a atmosfera ao transportá-los.** (Veja, outubro de 2007, p. 92) [grifos nossos].

Um bebê que nasça hoje na China tem expectativa de vida de 73 anos e enorme chance de chegar à classe média. Ao morrer, ele **terá sido**

responsável pela emissão de 300 toneladas de dióxido de carbono, quantidade de CO2 equivalente às emissões somadas de sessenta carros durante um ano. **Como ele poluirá:** (em toneladas de CO2)

TOTAL 300 toneladas de dióxido de carbono

81 Uso de eletricidade e aquecimento a óleo e gás

60 Transporte

42 Lazer

36 Serviços públicos

27 Consumo doméstico

18 Viagens de férias

15 Alimentação e bebidas

12 Roupas

9 Outros (Veja, dezembro de 2009, p. 137) [grifos nossos]

Tais enunciações, assim como tantas outras que compõem o material empírico desta pesquisa, reforçam nosso entendimento de que discussão em torno do aquecimento global e dos créditos de carbono tem sido uma possibilidade forte para que a revista *Veja* instaure um modo de ver e de falar acerca da EA em suas reportagens de capa. Nelas se destaca ser necessário que se pense de um modo diferente, na atualidade, que se tenham atitudes que emitam menos gases poluentes e que, desse modo, o Planeta e cada um de nós possa ficar seguro! Fazer tal associação refere-se a compreender que o dispositivo faz parte de uma rede mais ampla, bem como, que existe uma exterioridade do dispositivo. É preciso entender que exterioridade e que condições de emergência são essas que se produzem, se articulam e se atualizam nas capas da revista *Veja*. Afinal, o dispositivo aciona e é acionado por outros dispositivos, discursos e enunciados.

Neste texto, as capas de *Veja* nos mostraram o visível e o enunciável do dispositivo da EA a partir da imagem do Planeta. No primeiro conjunto apresentado se trata de uma maneira específica de educar e formar os sujeitos a adotarem atitudes corretas que contribuam com a vida do Planeta e porque não, atitudes que não sejam prejudiciais ao aquecimento global. No segundo conjunto de capas, a discussão versa sobre um alerta em relação às condições atuais de nosso Planeta e do quanto temos responsabilidade em relação a essa situação caótica. É a constituição de uma verdade sobre a questão ambiental e a subjetivação de um sujeito que vai se produzindo nas enunciabilidades e visibilidades da revista *Veja*.

Dessa forma, entendemos que na composição do dispositivo da EA, as linhas de subjetividade incidem sobre os sujeitos fabricando-os e educando-os. Tais linhas são agenciadas pelas linhas de visibilidade e de pelas linhas de enunciabilidade numa relação de forças operadas nas malhas do próprio dispositivo. E se existem linhas de subjetividade é porque são elas mesmas a condição de possibilidade para que esse sujeito possa produzir novas linhas, provocando descontinuidades, fraturas,

modificações no próprio dispositivo. Marcello pontua que “(...) a capacidade de promoção de linhas de fuga, de possibilidade de subversão e de produção de novas relações de força são também operadas pelos próprios sujeitos em questão” (2003, p. 210). Nesse sentido seria válido pensar enquanto sujeito, subjetivado por tal dispositivo, que possibilidades temos de provocar uma fratura no dispositivo da EA potencializado na revista *Veja*? Seria possível produzirmos outras linhas e contornos nesse dispositivo? Essa é a provocação que fica!

Referências:

AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

A TERRA no Limite. In: *Veja*. São Paulo. Ed. Abril, ed. 1926, 12 de outubro de 2005.

DELEUZE, G. Que és un dispositivo? In: BALIBAR, E.; DREYFUS, H.; DELEUZE, G. et al. *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1999, p. 155-163.

_____. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005a.

_____. *O mistério de Ariana*. Lisboa: Veja, 2005b.

ESTAMOS devorando o planeta. In: *Veja*. São Paulo. Ed. Abril. ed. 2143, 16 de dezembro de 2009.

FISCHER, R. M. B. *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

_____. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. *Revista Educação & Realidade*, v. 22, n. 2, p. 59-79, 1997.

_____. *Televisão e Educação: pensar e fruir a TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) Tv. *Educação e Pesquisa*, v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. Sobre a História da Sexualidade. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

_____. *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

GOMES, M. R. *Poder no jornalismo*. São Paulo: Edusp, 2003.

GUIMARÃES, L. B. Notas sobre o dispositivo da sustentabilidade e a produção de sujeitos “verdes”. In: SARAIVA, K.; MARCELLO, F. A. (Org.). *Estudos Culturais e Educação: desafios atuais*. Canoas: Ulbra, 2012.

LARROSA, J. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, T. T. (Org). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MARCELLO, F. A. *Dispositivo da Maternidade: mídia e produção agonística de experiência*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Martins Claret, 2002.

O PLANETA pede Socorro. In: *Veja*. São Paulo. Ed. Abril ed. 1765, 21 de agosto de 2002.

SALVAR a Terra. In: *Veja*. São Paulo. Ed. Abril. ed. 2031, 24 de outubro de 2007.

SAMPAIO, S. “Uma floresta tocada apenas por homens puros...” *Ou do que aprendemos com os discursos contemporâneos sobre a Amazônia*. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

BÁRBARA HEES GARRÉ. Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande/FURG (2015). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, Campus Pelotas. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Ciências Humanas, Educação Ambiental, Estudos Culturais (vertente Pós-estruturalista) e Artefatos midiáticos. Membro do Grupo de Pesquisa Interinstitucional Cultura, Subjetividade e Políticas de Formação.

PAULA CORRÊA HENNING. Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2008). Professora e pesquisadora do Instituto de Educação e dos Programas de Pós-graduação em Educação Ambiental e Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande/FURG. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Ciências Humanas, Educação em Ciências, Educação Ambiental, Currículo e Pesquisa. É editora adjunta da Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Interinstitucional Cultura, Subjetividade e Políticas de Formação.

Recebido: 30 de novembro de 2014

Revisado: 09 de março de 2015

Aceito: 03 de abril de 2015